
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

A cena teatral, em especial a partir do século XX, tem surpreendido constantemente por sua versatilidade, invenção e renovação, seja porque intensifica o diálogo com textos e formas da história da dramaturgia e do teatro, seja por incorporar sempre mais linguagens à composição da cena, o que a torna um interessante objeto de investigação do ponto de vista da intermedialidade, cujo conceito é discutido nos artigos reunidos neste volume.

O teatro é plurimedial à medida que aciona a palavra migrada do papel para a voz do ator; a performance; as artes visuais na composição de cenários, figurinos e acessórios; a música já encantatória desde o coro grego. O artigo de Anna Camati evidencia a presença de uma dessas mídias, as artes plásticas, não na cena, mas na dramaturgia shakespeariana, a qual utiliza “motivos, códigos e convenções” da pintura, por meio da ecfrase, para estabelecer diálogo com mestres renascentistas italianos. Prova de que um dos pilares do teatro moderno – no sentido mais amplo do termo, na esteira dos românticos para os quais Shakespeare é um ícone de renovação, um exemplo bem-sucedido de alta qualidade estética sem preocupação com regras e modelos – pode ter sua obra investigada da perspectiva da intermedialidade, como conclui Camati: “A poesia visual dos mestres renascentistas italianos e os textos icônicos de Shakespeare provam a fertilidade da interdiscursividade entre a palavra e a imagem”.

Outro grande nome do teatro moderno – agora na acepção de Szondi (2001), para quem o teatro moderno se funda a partir de um processo de renovação formal, cujo eixo é a epicização, recobrando o período de 1880 a 1950 – é contemplado pelo artigo de Alexandre Flory. A proposta de teatro épico brechtiano é intrinsecamente intermedial: uso de cartazes para demarcar mudanças de cenas, espaços e tempos; projeção de imagens como recurso de distanciamento; a música como efeito narrativo, instrumento de conscientização estética e política do espectador. *A Ópera dos três vinténs*, peça de 1928, parte da ópera – forma musical, teatral e lírica – como modo de reflexão sobre condicionantes materiais da produção artística; os recursos do teatro épico explicitam a perspectiva dialético-materialista adotada por Brecht ao revisar uma forma canônica, particularmente por imprimir um tom paródico à música, ele-

mento central da ópera. A análise da transposição da peça para o cinema permite investigar os meandros de um processo intermedial, evidenciando como montagem e fragmentação, procedimentos fundamentais da linguagem cinematográfica, alcançam mais efetivação na dramaturgia e no teatro brechtiano do que no filme de Pabst. Sinal, também, de que a intermedialidade possibilita pensar como as linguagens se interseccionam, contaminando umas às outras.

O texto de Gabriela Monteiro também se debruça sobre o processo de transposição do texto dramático à tela de cinema, contemplando um de nossos maiores dramaturgos, Nelson Rodrigues. Do texto dramático *Toda nudez será castigada* são evidenciados elementos renovadores da dramaturgia e da cena brasileiras, como a voz *in off*, o *flashback*, os jogos entre tempo dramático e cênico, o que evidencia um aspecto central da composição dramática de Nelson: aproximação da linguagem teatral de “uma montagem alternada cinematográfica”, nas palavras de Monteiro. Na adaptação homônima de Arnaldo Jabor, a autora destaca a exploração da teatralidade em particular pela permanência de alguns dos procedimentos dramáticos rodriguanos, como o trabalho com as categorias espaço/tempo, reforçando a potência da intermedialidade como ruptura de fronteiras entre as linguagens do teatro e do cinema. Aliás, esse é o tema do texto de Sonia Pascolati, para quem a mútua contaminação entre cinema e teatro tem resultado em objetos artísticos híbridos, visto que o teatro tem lançado mão da presença de mídias digitais e projeções videográficas e holográficas como instrumento mediador entre cena e espectador, potencializando a natureza de simulacro da realização teatral. Do mesmo modo, a presença da teatralidade em filmes como os de Alain Resnais e Manoel de Oliveira, objeto de análise do artigo, demonstram como o cinema se apropria da forma de construção do teatro como modo de ruptura com o paradigma realista típico da linguagem cinematográfica; a conclusão da autora explicita a relação entre intermedialidade e teatralidade: a primeira possibilita reforçar a segunda.

Os textos de Diógenes Maciel e Renato Forin Jr. privilegiam as intersecções entre teatro e música, embora adotem abordagens teóricas diversas, afinadas a seus objetos de análise: o primeiro trata de formas dramático-musicais e suas conformações contemporâneas, tomando como exemplo a produção brasileira do musical *Jesus Christ Superstar*, ao passo que o segundo analisa a forma do show *Pássaro da manhã* de Maria Bethânia da perspectiva de estudos contemporâneos sobre dramaturgia, em particular o conceito de drama rapsódico de Sarrazac (2002; 2012). Para Diógenes Maciel, as formas dramático-musicais são objetos privilegiados para a discussão da intermedialidade por se configurarem num campo interartístico. O autor recorda do teatro musicado (operetas, teatro de revista) como origem da presença histórica das formas dramático-musicais em nossa dramaturgia e palcos, apontando aspectos estéticos – necessidade de ultrapassar preconceitos contra essas formas teatrais, por exemplo – e acenando algo fundamental para instigar estudos nesse campo: “[...] as formas dramático-musicais devem ser tomadas como eminentemente intermediárias, pois elas se constituem via um processo de combinação de mídias”. Indiscutivelmente intermediário é o show de Maria Bethânia, cuja tessitura implica a participação do teatro, música, literatura e manifestações visuais, resultando numa

performance lítero-musical-teatral de evidente aporte lírico vinculada à tradição poética oral dos rapsodos gregos para os quais a palavra só poderia ser concebida como performance, *mousiké*.

O conjunto de textos deste volume da Revista *Terra Roxa e Outras Terras* pretende contribuir para a discussão acerca da intermedialidade no campo dos estudos teatrais exatamente porque os estudiosos de teatro aqui reunidos (UEL, UEM, UEPB, UFRJ, Uniandrade) acreditam que a combinação de mídias, a transposição midiática ou a presença de referências intermediáticas são procedimentos que enriquecem tanto a composição dramaturgica como a criação cênica.

A Comissão Editorial

Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa

Prof.^a Dr.^a Regina Célia dos Santos Alves

Prof.^a Dr.^a Sonia Pascolati (responsável pelo volume)

OBRAS CITADAS

SARRAZAC, Jean-Pierre (org.). *Léxico do drama moderno e contemporâneo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

———. *O futuro do drama*. Porto: Campo das Letras, 2002.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno [1880-1950]*. São Paulo: CosacNaify, 2001.